

Lingua(gem), mola propulsora?

Regina Fernandes Costa*

Resumo: Para construir um sentido para a questão-título deste trabalho, focou-se o discurso empresarial, via discurso pedagógico, pela leitura discursiva de dois livros de redação empresarial (um, de 1963; outro, de 1999), com o suporte da teoria da Análise de Discurso francesa de Michel Pêcheux. O resultado dessa prática confirmou a hipótese de que tal teoria pode contribuir para a formação de um sujeito-leitor menos ingênuo em sua relação com a lingua(gem).

Palavras-chave: discurso; lingua(gem); leitura.

[...] sempre que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos da minha própria experiência. Era por pensar reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que tinha que ver, nas minhas relações com os outros, brechas, abalos surdos, disjunções, que empreendia um tal trabalho – um qualquer fragmento de biografia.
(FOUCAULT, 1992, p. 28).

Para apresentar a dissertação de mestrado **Lingua(gem), mola propulsora?** transcrevo trechos de seu primeiro capítulo, intitulado *Curriculum Vitae*. Nele, faço a releitura de meu próprio currículo à luz da teoria da Análise de Discurso¹.

Curriculum Vitae

O 'apagamento' não tem um sentido negativo, pois: 1. ele é a própria possibilidade de transmutação do sujeito em suas múltiplas formas e funções; e 2. ao colocar-se socialmente, o sujeito-autor se percebe subjetivamente. O apagamento é constitutivo do sujeito.
(ORLANDI, 1999 [1988], p. 78).

O processo de seleção da vida profissional de um aspirante ao mercado de trabalho empresarial geralmente começa com uma entrevista e com a análise de seu *Curriculum Vitae*. Para que sua apresentação pessoal

* Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense, com a dissertação **Lingua(gem), mola propulsora?**, orientada pela Professora Doutora Bethania Mariani, E-mail: reg@sdm.microlink.com.br

¹ O presente texto segue as novas regras ortográficas da língua portuguesa, contudo nas citações diretas será mantida a ortografia original.

permanença não apenas na memória do entrevistador, mas também de forma palpável, concreta, o candidato entrega seu *Curriculum Vitae* com informações relevantes, tais como: seu objetivo, sua experiência e formação; sendo que, por ser considerado de função utilitária, tal documento deve ser claro, conciso e objetivo.

Tanto a entrevista quanto o *Curriculum* representam práticas padronizadas. A primeira, oral, julga o candidato não apenas por sua aparência, seu modo de vestir-se, de comportar-se, mas também pelo que fala e **como** fala. A segunda, escrita, pressupõe a observância de um padrão gráfico-visual determinado. Na verdade, todos os **papéis** do mundo empresarial caracterizam-se por uma padronização determinada. Contraditoriamente, no entanto, a contratação depende ao mesmo tempo daquilo que homogeneiza, isto é, desse padrão oral, visual e gráfico, e daquilo que diferencia, uma certa personalização discreta. Caso contrário, o *Curriculum Vitae* se perde entre tantos outros e a chance de conseguir a vaga se esvai. Em outras palavras, nesse padrão imposto há o desafio imperioso de que se produza com alguma dose de originalidade.

Tanto a prática oral – entrevista – quanto a escrita – *Curriculum* – representam etapas do processo de seleção que pressupõem um modo de ler e de interpretar por parte daqueles que representam o departamento de Recursos Humanos. Tais sujeitos-leitores apreendem o inteligível e o interpretam, a partir de sua posição e de acordo com o padrão determinado pela empresa. Assim, selecionam o candidato mais adequado.

No entanto, há outras maneiras de se ler um *Curriculum Vitae*. A Análise de Discurso francesa (Pêcheux), por exemplo, ensina a ler na materialidade linguística a exterioridade sócio-histórico-ideológica. Foi esse enfoque discursivo que me levou a problematizar a leitura desse documento. Para tanto, segui as pistas impressas como se verá a seguir.

Iniciei minha vida profissional em empresas (1962). Durante **dez** anos, trabalhei em **sete** companhias. Ocupei diferentes cargos – datilógrafa, secretária bilíngue, secretária executiva e estenodatilógrafa. Redigi, nesse percurso, seis cartas de demissão, seis tentativas de romper com uma forma de trabalho repetitiva. A mudança frequente de empresa indica resistência a um modo de trabalhar padronizado, sempre a reproduzir a palavra do chefe, a palavra ditada, estenografada, datilografada, rascunhada – a palavra do outro. Mais que isso, indica ainda a ilusão de que ao mudar para uma empresa diferente a insatisfação terminaria. Ledo engano, pois a posição sujeito continuava a mesma e, dessa forma, permanecia a sensação de incompletude e apagamento.

Na escrita empresarial, não parece haver movimento entre o processo parafrástico (o mesmo) e o polissêmico (o diferente). A secretária está presa ao polo parafrástico. Falta o polissêmico, portanto, para que haja movimento.

Assim, a prática dessa profissional se caracteriza pela produtividade, e não pela criatividade. Eni Orlandi (2000 [1999a], p. 37) esclarece a distinção entre esses dois conceitos:

A ‘criação’ em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. [...] Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes.

Daí o tédio que o trabalho linguístico da secretária e do professor de redação empresarial pode provocar.

Entretanto, é na instância da autoria da secretária com redação própria que ocorre seu maior apagamento. “É da representação do sujeito como autor que mais se cobra sua ilusão de ser origem e fonte de seu discurso. É nessa função que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social.” (ORLANDI, 1999 [1988], p. 78). Ao atuar conforme os moldes já construídos, a secretária deve produzir o sentido único e desambiguizado, dentro do padrão culto da língua portuguesa. Nas palavras de Eni Orlandi (1999 [1988], p. 75-76):

É do autor que se exige: coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância e, entre outras coisas, unidade, não-contradição, progresso e duração de seu discurso, ou melhor, de seu texto.

Dando continuidade à releitura de meu *Curriculum*, pude compreender um movimento em busca de outras posições sujeito, tais como professora e pedagoga. No entanto, curiosamente, essa movimentação, de alguma forma, retoma a questão delineada no início da vida profissional em empresas. Isso porque passei a dar aulas de redação empresarial nos cursos de Recepcionista e Secretária no Senac, de 1995 a 2000. Assim, a questão inicial da resistência ao apagamento reapresenta-se.

Para concluir esta apresentação pessoal e, por essa razão, escrita em primeira pessoa do singular, esclareço que a releitura de meu *Curriculum Vitae* serviu não apenas para identificar de onde nasce meu objeto de estudo e como buscar alcançá-lo em alguma medida, mas também para ressaltar que um *Curriculum* não é apenas uma certidão de nascimento e de “morte” do trabalhador, há muito a ser lido no entremeio...

Assim, minha aposentadoria não passa de um registro na carteira profissional. Meu tempo de serviço não acabou. Em outras palavras, as de

Riobaldo (ROSA, 1988, p. 15): “O mais importante e bonito, no mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”. Tal como a língua(gem). Tal como os discursos.